



# GIL VICENTE

Semanario monarchico integralista  
(Literario e Noticioso)  
Orgão e propriedade da  
Junta Municipal de Guimarães  
Redac. e Adm.: AVENIDA DO COMERCIO



VISITAÇÃO  
*Pardier siete arrepelones  
Me pegaron a la entrada  
Mas yo di una pirovada  
A uno de los rascones  
VICENTE*

Diretor:  
D. José Ferrão.  
Adm. e Editor:  
Domingos F. Guimarães.  
Comp. e Imp.: MINERVA RIBEIRO  
Rua de Gil Vicente, 44 e 36 - GUIMARÃES

## O PARLAMENTO

E' degradaute e ridiculo o espectáculo que os pseudos representantes da soberania popular veem oferecendo quotidianamente a um país inteiro, que já não sabe se deve continuar a rir dos pigmeus espalhafatosos, se tomar uma atitude energica e decidida indicando-lhes o caminho da honra e do dever.

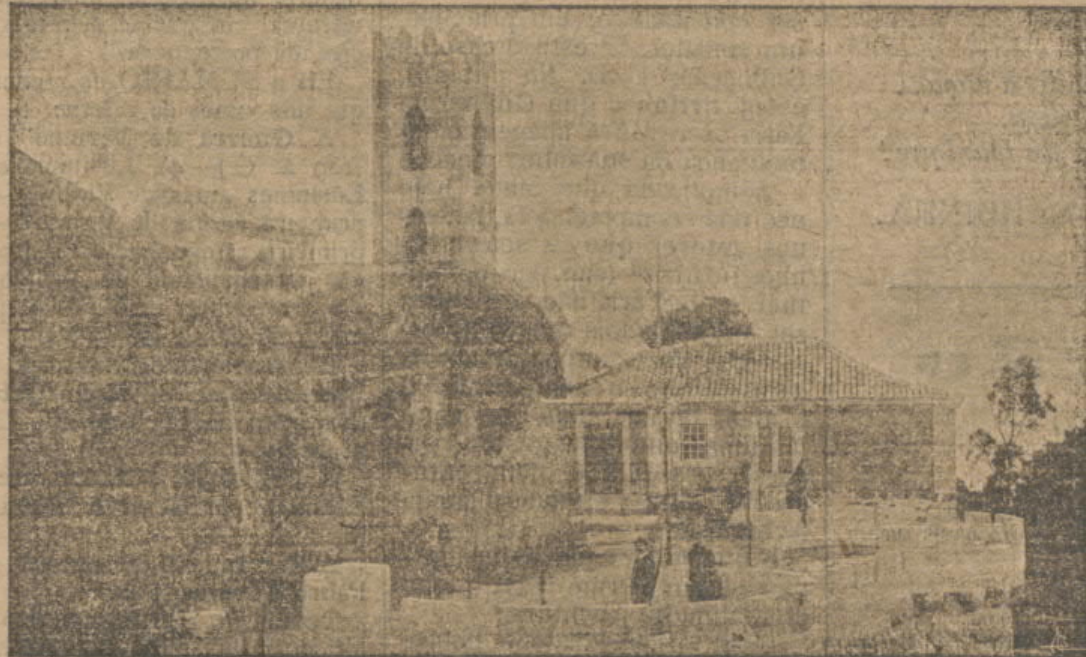
Todos os dias, a imprensa de grande informação traz ao nosso conhecimento, ao conhecimento de toda a gente, acontecimentos dignos de lastima pelos quais se observa e vê a inconsciencia em que tudo isto gira; acontecimentos que nós, jornalista provinciano, comentamos já enojados de assistirmos a tanta pouca vergonha e ao vêrmos o nenhum escrúpulo por parte de quem tinha o dever de fazer do velho casarão de S. Bento não um lavadouro público, mas torná-lo num conjunto de bons esforços e de sãs energias que aproveitassem ao povo, que tem na sua frente dois cancos enormes a cavar fundo a sua desventura — o luxo espaventoso duma elite falha de sentimentos e de educação, e a miseria de caracter dos politicos.

Seria bendito um raio sobre aquela maldita casa que tão mal tem feito á Nação! E se nas mãos estivesse a maneira de a escavar depois de expulsar de lá para fora as santas familias, creiam que o fariamos da melhor ventade. O parlamento é a desgraça nacional; é a mentira feita em liberdade; é o absurdo arvorado em direito.

As criaturas que se dizem representantes do povo, em S. Bento, nada de util teem feito. Pelo contrário. Tudo inutil! E como não devia de ser assim se essas criaturas, igualmente inuteis, nenhum proveito mostram possuir a não ser para o insulto e, tambem, para tornar mais difficil ainda a vida portuguesa?! E' grave a crise económica e politica? E'. Mas não são os politicos (?) capazes de a resolver. E não a resolvem porque não querem, nem sabem, nem deixam os outros resolvê-la. O parlamento serve apenas para deliciar as galerias e despertar o riso aos scéticos.

E' um espectáculo caro e degradante: gasta-se muito dinheiro e perverte-se muito character.

## PELA PENHA?



Promovidas pelo nosso amigo e dedicado bairrista sr. Luiz do Souto, empresario do *Vimaranense Cine*, realisam-se hoje duas atraentes sessões cinematograficas, cujo produto liquido revertirá a favor dos melhoramentos da nossa encantadora Penha, uma das mais belas estancias de repouso do nosso país.

Certos estamos que o empreendimento de Luiz do Souto, promovendo tão magnifico e atraente espectáculo cinematografico, de cujo programa faz parte o *film* eligit-o em 5 capitulos, GALILEU, filmado nos proprios Logares Santos da Palestina, onde se desenrolou toda a tragedia do Golgotha, será compreendido por todos os Vimaraneses, que acorrerão a auxiliá-lo, assistindo ás duas sessões de hoje, e contribuindo

para que maior seja a receita a entregar á mui digna e zelosa Irmandade de Nossa Senhora do Carmo da Penha.

E' necessario que todos os Vimaraneses saibam compreender os seus deveres, auxiliando todas as boas iniciativas sem prodo engrandecimento da nossa terra.

A Penha tem tido sinceras dedicacões, e, já que falamos em dedicacões, seja-nos dado salientar o benemerito auxilio que lhe tem sido dispensado pelo nosso dedicado conterraneo sr. Luiz Antonio Pereira. O seu exemplo deve ser seguido por todos os filhos de Guimarães. Só assim a nossa Penha poderá progredir, só assim a nossa Penha poderá tornar-se uma bela estancia com todos os requisitos modernos.

Outras terras do país, como

por exemplo Vila do Castelo, teem-se dedicado ao embelezamento das suas montanhas preferindo-as os seus naturais para edificarem os seus *chateaux* de veraneio. Porque não fazem os Vimaraneses o mesmo? Porque vão construir fora da sua terra verdadeiros palacios contribuindo para o engrandecimento dessas terras em menosprezo da que lhes foi berço?

E' necessario, pois, que nos dediquemos mais á nossa terra.

E' necessario que a divisa de todos os Vimaraneses seja sempre — POR GUIMARÃES!

A Luiz do Souto os nossos cumprimentos pela sua simpatica iniciativa que esperamos será coroada do melhor exito.

Vilafior.

## EXPOSIÇÃO INDUSTRIAL E AGRICOLA DE GUIMARÃES EM 1923

### Um acontecimento notavel

Uma exposição é sempre, quer se trate, apenas, das manifestações de talento dum homem, — como ainda recentemente no Porto com a dos magnificos trabalhos do nosso illustre conterraneo e querido amigo Abel Cardoso —, quer encerre nos seus numerosos *stands* e extensas galerias as provas e os produtos do trabalho, da intelligencia e da aptidão duma colectividade, regão ou povo, é sempre um acontecimento notavel, não só pela raridade, especialmente no nosso País, mas ainda e muito principalmente por ter o condão de chamar, atrair e prender, pelo imaginado e pelo imprevisito, as atenções da maioria, desejosa sempre de ver e apreciar, em todo o seu esplendor, as manifestações da habilidade, da intelligencia e da actividade humanas.

Quando, porém, um desses certamens se ocupa especialmente, ou antes, exclusivamente duma terra distante, longin-

qua e perdida entre serranias e montanhas, onde não chega o tumultuar das paixões e das ambições mezquinhas — nem o ruído do mar nas litanias do vento —; terra pouco menos do que esquecida, no centro duma provincia lá de cima, que não tem a apregoar-lhe a fama das virtudes civicas e privadas, nem o reclame espontaneo e natural dos grandes quotidianos, nem a tuba canora e sonora dos annunci-s e *placards* americana, a tantos escudeis a linha, mas que, pelo contrario, parece deliciar-se no silencio que a envolve, no isolamento em que se encontra e no esquecimento a que a votaram, o que pode parecer orgulho, o que pode parecer vaidade, o que pode parecer soberba, mas que, afinal, nada mais é do que a religiosidade habitual do seu viver afanoso, honesto, recolhido e simples, — como o dos ascetas e o das formigas —; quando um desses certamens se realiza numa terra como Guimarães, onde o ritmo

da viração flutua sobre a policromia da cor; onde a Luz, que preconiza a Verdade, ilumina o Trabalho que dá a Saude, que dá a Fortuna, que dá a Paz e que purifica a Vida; onde a natureza canta e sorri no bucolismo do viver campestre, no idillio dos ninhos pelas arvores e pelas florestas, nas endeixas e madrigaes do vento, nas caricias voluptuosas do sol, que cobre e fecunda a terra... oh! o acontecimento toma, então, as proporções grandiosas dum successo, a opiniao agita-se, os jorn es lembram-se do rincão aborigene, a curiosidade sobresalta-se, per-scrua, examina, interroga, indaga, alonga e estende o olhar e só fica convencida e satisfeita, quando os olhos veem e as mãos tocam, palpam, tacteiam — o inesperado, o surpreendente, o incompreensivel e o imaginado!

Isto que succedeu em Guimarães com a exposição de 1884 e vinte e seis anos depois com a de 1910, vai repetir-se agora,

estamos disso absolutamente seguros, com a exposição do proximo mez de agosto.

Foi por isso que muitos dos que então visitaram a nossa querida terra, por justa e natural curiosidade, dali regressaram saudosos e lá voltaram depois, uma e mais vezes, não já para contemplarem embevecidos empreendimento identico, mas para avivarem, na contemplação para lisaica das suas paisagens e dos seus panoramas de maravilha, — que já mais o coração olvidou e no espirito ficaram para sempre gravados! —, os poucos, fugidios momentos de prazer espiritual, que ali uma vez sentiram em todo o arrebatamento da sua magnificencia e da sua ideal pureza!

Guimarães! O Minho!... E' que para o amar, não basta ler-lhe as descrições, calcular-lhe as belezas, imaginar-lhe os encantos, nem recolher-lhe os louvores! Não!

Para o amar, é preciso conhecê-lo na pureza das aguas, no perfume e vico das flores, no gorgorijo dos ninhos, no murmuro das fontes, na amenidade do clima, na fertilidade do solo, na opulencia da vegetação, na magestade dos montes e collinas, no silencio e quitude das noites!

Guimarães! O Minho!... Para amá-lo e nunca, nunca mais o esquecer, é preciso senti-lo, auscultá-lo, vive-lo, enfim, no labutar dos campos, na alegria dos serões, na maviosidade dos descantes, na honestidade dos lares, na singeleza dos costumes!

E' preciso atravessar as suas aldeias, subir as suas serras, trepar as suas montanhas, banhar-se nos seus rios e correntes, aspirar o ar embalsamado e sadio dos seus jardins, campos e pomares, visitar os seus cascos, dormir sob o fronzoso doce das suas arvores, escutar o som dos seus cantares, admirar a beleza pagã das suas mulheres, apreciar a franqueza dos seus naturais, reconhecer a sinceridade da sua Fé, respeitar o culto das suas Tradições, contemplar a velustez augusta dos seus monumentos, avaliar, enfim, no proprio lugar, todo o abençoado esforço da sua actividade, da sua energia e do seu trabalho — como o da formiga paciente e imutavel, fecundo e eterno!

LISBOA,  
30 de Abril de 1923.

Fernando da Costa Freitas  
Do «Instituto de Coimbra».

## Infantaria 20

Pela ultima Ordem do Exercito foi condecorado com a Cruz de Guerra de 1.ª classe, o 1.º batalhão de Infantaria n.º 20, pelo seu porte e heroismo nos campos de batalha, tendo feito parte da heroica «Brigada do Minho».



**Exortação**

O Ceu lavou-se de clarões de guerra,  
—o Ceu cobriu-se de mortais agoiros!  
Ha toques de buzina sobre a terra,  
—ha toques largos, toques duradoiros!

Venha uma espada p'ra acudir á terra,  
Mais aos rebanhos, mais aos trigos loiros!  
Cerra o quadrado, Santiago, cerra!  
Cerra o quadrado, que é sinal de moiros.

Cerra o quadrado! A's armas todos juntos!  
Ide acordar, trombetas, os defuntos,  
—ou vivo ou morto, que ninguém se fique!

E' Portugal que está chamando a raça...  
A pé, e ás armas, nesta hora laça,  
Que vai romper outra manhã de Ourique!

ANTONIO SARDINHA.

**S. Cristóvão**

NA LENDA E NO SONHO

A Lenda é a fantasia do que foi;  
O Sonho é a fantasia do que ha-de ser.

(Continuação do n.º anterior)

Muitos homens tinha aquele pais e muitas terras para cultivar. Bem distribuido, o trabalho chegaria para todos, sem esfalamentos nem ócios, e o pão a todos bastaria, sem que uns morressem de indigestão e outros rebentassem de fome.

Mas os homens maus, que noutros tempos blasfemavam de Deus e tinham pacto com o Demónio para d'êlê obterem o segredo do prazer e do oiro, havia muito já que tinham destruido com leis iníquas a velha ordem social que os «Jacques» cimentaram com o seu sangue.

Essas leis, dando a cada individuo o direito de procurarem a seu modo o melhor estado social possível, haviam invertido consagradas fórmulas de selecção e postergado eternos conceitos de moral e de economia. Em pouco tempo toda a colectividade estava dividida em dois grandes agrupamentos: os ricos e os que trabalhavam, os exploradores e os explorados. E assim, ao passo que os trabalhadores empobreciam, os ricos, por uma atracção misteriosa de dinheiro pelo dinheiro, viam aumentar monstruosamente seus haveres.

A este estado caótico da coisa pública e económica chamava-se Democracia; ela trouxera com os seus novos sistemas de liberalismos politicos e profissionais, um acréscimo de riqueza, que se atraía e amontoava no capital em detrimento de uma pobreza de cada vez mais numerosa e aviltada. Para cúmulo da iniquidade e por amarga ironia dos tempos, foram declarados livres, e perante a lei—mas só perante a lei—ficaram com os mesmos direitos e os mesmos deveres.

Durante muitos anos, embriagados por essa abundância de liberdade, os homens viveram na triste ilusão de que eram livres, e como nada existia já que os prendesse á Terra, á familia e á Profissão, elles encontraram nos partidos politicos uma força colectiva que os trazia narcotizados pelos filtros da liberdade e seduzidos pela miragem enganadora dum progresso que era uma burla e dum regimen que era um crime contra a moral e contra a razão.

Aos poucos a riqueza veio a ser conquistada rapidamente só com a audácia e a falta de escrúpulos nas grandes cidades trans-

formavam-se em empórios de comércio e de industria, e sobre cada porta uma taboleta vistosa vincava claramente a tendencia geral para a traficancia e para a exploração. Os privilegios de casta e de classe caducaram. Mas em seu lugar, um outro privilegio mais infamante e corruptor fóra estabelecido: o Dinheiro adquirira um tal poder que a segurança dos Estados, a ordem publica e todos os ramos particulares ou gerais da actividade humana d'êlê dependiam como do mais poderoso dos déspotas.

Muitos homens tinha aquele belo pais e muitas e fartas terras para cultivar.

Mas os homens abandonavam as terras e fugiam para as cidades, atraídos pelo prazer, pelo oiro, pelo luxo e pela ociosidade.

Junto á foz de um largo rio que de longes serras plácidamente arrastava suas aguas mansas, uma cidade maior que todas as outras elevava sobre amplas colinas seus grandes palácios e suas avenidas suntuosas por onde corriam apressados formigueiros humanos. As profissões inúteis, os frívolos misteres do luxo e da desmoralização, tudo quanto servisse de pretexto para uma occupação improduttiva e rendosa, assentavam arraiais nas ruas mais concorridas e nos mais luxuosos palácios.

Mais numerosos porém, pois tudo d'êles dependia, os traficantes formavam legião e todas as ruas lhes pertenciam. Cada porta era uma entrada livre para um antro onde tudo se comprava e tudo se vendia. Rolos negros de fumo toldavam o céu azul, saídos das chaminés altas das fábricas e dos navios e de pesadas locomotivas a vapor; nuvens de poeira, levantadas por ligeiros veiculos trepidantes, encardiam o ar de metitica e perigosa respiração, e por toda a parte um ruido infernal de engrenagens atroava os ouvidos no matraquear contínuo das ferragens. no rincar tremendo de possantes maquinas, no arrastar das correntes e no tilintar dos oiros.

(Continua.)

A luta contra a republica deve ser feita por todos os bons portuguezes que acima de tudo coloquem o bom nome e interesse da sua Patria!

Poetas & Prosadores

•• POEMAS ••

E

MAIS POEMAS

Por

Guilherme de Faria

Guilherme de Faria, nosso conterraneo, iniciou a sua vida poetica com 2 livrinhos de versos intitulados Poemas e Mais Poemas.

Não se pode dizer que estes dois livros sejam uma perfeição poetica. Não! Os seus versos teem originalidade, é certo, mas teem tambem os seus defeitos, não muitos, aliás justificados. Quem se inicia em qualquer carreira tem de forçosamente ser considerado, em principio, um amator. E' este o caso de Guilherme Faria. No entanto, estes livrinhos que Guilherme Faria escreveu á imagem e semelhança da sua «alma precoce e complicada que ainda hoje não pôde compreender», fazemos antever que os seus livrinhos futuros—(sim, porque Guilherme de Faria não se limita a ser autor de dois unicos livros)—serão um triunfo, uma gloria a satisfazer a sua sede de *subirl*, a ancía da sua alma que sente já «uma sombra de genio a perpassar», seguindo, com entusiasmo, «a voz eterna e clara da Aventura».

E que admira que assim aconteça se Guilherme Faria é todo uma alma de Aventura?

Teem originidade e beleza os seus sonetos *Ao Mar*, que se casa bem com a ancía da sua alma tumultuosa, e da *minha ancía*, que nos revela minuciosamente toda a ancía do seu autor: *Subirl* todo o «leal unico desta vida de imperfeito».

Mais Poemas, dedicado a Alfredo Pimenta, e que, segundo a nota do autor, são na quasi totalidade, anteriores á publicação do livro *Poemas*, tem, tambem, belas composições poeticas. Destacaremos ao acaso o «Poema de supplica», «Livros de sangue» e «Poema de Exaltação», onde perpassa, como em vião, uma infinidade de pequeninos seres lendarios a que Guilherme Faria soube dar acção e movimento no burilado dos seus versos.

A. O.

**Expediente**

Muito brevemente vamos enviar para o correio os recibos relativos ao 1.º semestre de assinatura.

Como a cobrança feita pelo correio nos é bastante dispendiosa, rogamos a todos os nossos presados assinantes nos enviem os seus debitos, evitando-nos assim a despeza de cobrança.

A todos os snrs. assinantes a quem forem apresentados os recibos, pedimos, tambem, evitem o mais possível a sua devolução, que nos vem causar transtorno e prejuizo.

**S. Torcato**

Realisa-se hoje a denominada romaria pequena de S. Torcato que, de ano para ano, vem tomando grande incremento, sendo uma das melhores romarias do Minho a que acorre sempre grande numero de forasteiros.

«Nação Portuguesa»

Dia a dia se tem vindo afirmando as excelencias doutrinarias da «Nação Portuguesa», revista excelente de cultura nacionalista, porta voz dos principios do Integralismo.

O numero 8, que temos presente, é uma confirmação de tudo quanto acerca desta revista temos dito. E embora á sua volta se continue a fazer silencio, tanto por parte dos órgãos chamados de grande informação que não poupam elogios espaventosos e vastos reclames a escritas nulos e deleterios, como tambem pelos órgãos officiosos de certo partido monarchico-constitucional, a «Nação Portuguesa» tem prosseguido no seu já glorioso caminho doutrinário no meio da anarquia intellectual em que se debate a sociedade portuguesa.

Eis o SUMARIO do numero a que nos vimos de referir:

A Guerra de Viriato (147-139 a. C.)—A Lusitania e os Lusitanos antes de Viriato—A primeira vitoria de Viriato—A primeira campanha de Viriato—A personalidade de Viriato—A arte militar de Viriato, pelo major Vasco de Carvalho.

Restauração de Portugal pela renovação da Monarquia—(Excerpto do «Pensamento Integralista».)

S. Cristóvão («Na Lenda e no Sonho»), por Cesar A. d'Oliveira.

A Fascinação da Esfinge, por Pedro Teotonio Pereira.

Teoria do Municipio («Do valor do localismo»), por Antonio Sardinha.

Príncipe D. Miguel de Bragança.

Das Letras & das Artes, por Lopo Chaves.

Eterno tema («Aclarações indispensaveis»), por A. S.

**Aurelio Martins**

Passa hoje o aniversario natalicio do nosso presado amigo snr. Aurelio de Barros Martins.

Cumprimentando-o fazemos votos para que esta data se repita por muitos anos.

**Orpheon de Guimarães**

Teem prosseguido os ensaios deste excelente grupo coral que, nos principios do proximo mez, dará uma recita num dos primeiros teatros da cidade do Porto.

**CARTILHA MONARQUICA**

**CARTILHA DO OPERARIO**

PREÇO DE CADA 500 REIS

Pedidos á administração do nosso jornal

Ex.mo Snr.

Casamento

Deve realizar-se por todo o proximo mez de junho o auspicioso enlace da ex.ª sr.ª D. Emilia Leite de Faria e Freitas, gentil filha do snr. Miguel de Freitas, estimado proprietario, da casa de Entre-Vinhas, deste concelho, com o novel advogado e nosso simpatico amigo snr. dr. Alvaro de Lemos Magalhães, filho extremo do snr. dr. Alvaro José de Miranda Magalhães, importante proprietario de Vieira do Minho.

Atentas as qualidades e a primosa educação que exornam os noivos, ligados pelo Amor, antecipadamente desejamos-lhes todas as venturas de que são dignos.

**Senhora de Belem**

Realisar-se ha no proximo dia 10 de Junho, a festividade em honra de Nossa Senhora de Belem, que se venera na igreja paroquial de S. Sebastião, havendo arraial e bazar de prendas.

O arraial será abrilhantado com o concurso da excelente Banda dos Bombeiros Voluntarios, que executará belos numeros do seu vasto repertorio.

**Brigada do Minho**

Realiza-se no dia 10 de junho, em Viana do Castelo, a imposição da insignia da Cruz de Guerra á bandeira da heroica Brigada do Minho.

Serão presentes a esta cerimonia militar as bandeiras dos regimentos de infantaria 3, 8, 20 e 30.

Tomam parte nesta tocante festa deputações das Camaras Municipais dos distritos de Viana e Braga.

Devem ser encerradas, nos termos da lei, as aulas de ensino primario no dia 29 de junho proximo, destinando-se o mez de julho aos exames do mesmo curso.

**CREADA**

Ninguem tome ao seu serviço a creada Joaquina Pinto, de Vizela (tem um sinal na testa), sem se informar com a familia de Antonio Dantas, na Avenida Candido dos Reis.